

críticos, amizades, hostilidades e peripécias. Com um grão fino e detalhado, António Cândido Franco dá a ver as pessoas e circunstâncias decisivas, os entusiasmos, desilusões e tensões entre e dentro de grupos, a atividade e a comunicação com o resto do mundo, e toda a ecologia do surrealismo português, movimento que “nasceu sem ansias estéticas” (62) e que resistiu ao seu tempo.

A densidade literária da vida de Mário Cesariny passa não só pela centralidade e peso que nela tem a criação poética, mas também pelo lugar que ocupa na história da literatura e da cultura portuguesas, particularmente no embate com a repressão política e de costumes durante a ditadura, que levou a várias e longas estadias fora do retângulo cinzento e contra a qual a sua vida poética se levantou em armas. Nas palavras de António Cândido Franco, “[o] que singulariza a experiência de Cesariny é o combate que desde muito cedo travou para ter uma biografia sua, para assumir uma vida cheia, sem censuras interiores, para ligar a palavra e a vida numa mesma busca de liberdade e de espírito.” (18)

Esta publicação vem suprir uma lacuna nos estudos literários e revela-se uma peça fundamental para o estudo do surrealismo português. O edifício biográfico erigido por António Cândido Franco é como um prisma de três lados através do qual a relação entre a vida e a obra de Mário Cesariny se tornam legíveis. Por um lado, esta biografia tem

uma dimensão intertextual, ao assinalar as influências, os encontros e as relações entre leitura e escrita. Por outro lado tem uma dimensão evolutiva, situando a obra em circunstância, numa perspectiva diacrónica. O terceiro lado assenta numa linha transparente, a do trabalho crítico, não no sentido da leitura exegética que não cabe à biografia fazer, mas no sentido da seleção e do recorte dado à informação. Escrito ao longo de nove meses, *O Triângulo Mágico* é uma homenagem ao “vendaval cósmico que se chamou Mário Cesariny de Vasconcelos” (399), espírito “livre e combativo” (18) em quem vida e obra coincidiram.

Ana Marques

<https://orcid.org/0000-0002-7644-501X>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_22

CATALONIA, IBERIA AND EUROPE

DAVID DUARTE / GIANGIACOMO

VALE (EDS.)

Roma: Aracne Editrice, 2020

364 páginas. ISBN 9788825528558

O volume em questão é o segundo da *Biblioteca Scientifica Europea*, uma coleção patrocinada pela Fondazione Eracle, cujo objetivo é refletir sobre os processos de construção da identidade europeia ao longo dos últimos dois séculos, a partir de uma perspectiva marcadamente multidisciplinar. Sob esta premissa, os editores deste volume tiveram o acerto de reunir as contribuições de Silvio Berardi, Sér-

gio Campos Matos, David Duarte, André Freire, Joseba Gabilondo, Nicolò Inches, Gabriel Magalhães, Víctor Martínez-Gil, Thomas Jeffrey Miley, Matteo Antonio Napolitano, Robert Patrick Newcomb, Anna Pirozzoli, José Miguel Sardica, César Rina Simón e Giangiacomo Vale em torno de três espaços – Catalunha, Ibéria e Europa – ligados por processos de identificação concêntrica.

Não há dúvida, e nenhum dos participantes deste volume o pode evitar, que estas reflexões estão enquadradas por um evento: o (mau) chamado *Procés* que teve o seu ápice em Outubro de 2017. A participação massiva de cidadãos catalães num referendo sobre a autodeterminação, vetado como ilegal pelo Estado espanhol, e a subsequente repressão policial e judicial encheram não só os meios de comunicação ibéricos e europeus, como também os meios de comunicação internacionais, com imagens, manchetes e opiniões que têm interpelado diretamente os processos de construção de identidades neste novo milénio.

No início do século XX, Unamuno exclamou: “¡Portugal y Cataluña! ¡Qué mundo de reflexiones no provoca en un español el juntar estos dos nombres!” Um século e tal mais tarde, ainda andamos à volta com abordagens semelhantes e com as suas reações irrecusáveis. Não importa o quanto a política, a sociedade ou a economia tenham transformado a realidade da península e se esta é analisada através

de quadros *post-national* ou *post-sovereign*, as resistências estão à vista e marcam o nosso presente. A conceção de Unamuno de Espanha como unidade dialética baseou-se na aceitação, entre outras coisas, de que precisamente esta unidade nunca poderia ser questionada devido à sua superioridade “natural”. A junção destes dois nomes – Portugal e Catalunha – devia também refletir a hegemonia espanhola (essencialmente castelhana) que derivou, por exemplo, na sua pitoresca teoria sobre a mauser e a espingarda. No seu tempo, Joan Fuster sustentava que “Unamuno no creia en composicions, sinó en imposicions: la unitat espanyola, per a ell, era el resultat o l’usdefruit d’una victòria”.

Entre os diversos iberismos que alguns participantes no presente volume trazem à tona, existem certamente movimentos contraditórios que impedem a sua homologação. Desde iberismos que são hispanismos encobertos e defendem a que consideram inquestionável hegemonia hispânica, até iberismos construídos sobre a dialética igualdade/ desigualdade e onde se desenvolveram formas de identidade coletiva entre universalismo e particularismo. No final, a noção de particularismo só faz sentido em termos de uma noção de universalismo, e ambos só podem funcionar dentro do par que compõem. Algo que, de facto, deveria ser sempre considerado nuns eventuais Estudos Ibéricos: assumindo, evidentemente, a natureza multipolar

da diferença e o diálogo inescusável nos prevalentes espaços intermédios, híbridos.

Não podemos deixar de olhar mais acima, como faz a maioria dos autores deste volume, para ter um vislumbre do atual contexto europeu. Dos quinze intervenientes do presente este volume, apenas um (Víctor Martínez-Gil) é catalão. Os editores, portanto, consideraram adequado dar prioridade a uma visão exógena do conflito catalão, o que permite um acesso franco a um espectro muito vasto de estudiosos não necessariamente interessados na realidade catalã nem mesmo na dinâmica ibérica. Ver o conflito particular entre as várias identidades ibéricas como um laboratório de pequena escala da Europa não só parece apropriado, mas também necessário. E não para internacionalizar o conflito catalão e transformá-lo num conflito europeu — esta estratégia, como a realidade nos tem recordado constantemente, teve pouco efeito: a União Europeia considera oficialmente o conflito catalão um conflito interno espanhol, e o sistema judicial espanhol não se sente impelido por um sistema de justiça europeu que não tenha julgado da mesma forma alguns dos políticos catalães que têm sido processados. Trata-se antes de enfrentar processos de identificação nacionais e transnacionais que demonstraram mais fraqueza do que vigor perante um acontecimento cujas consequências ainda estamos longe de poder afe-

rir. O fracasso da política (tradicional) nos quadros pós-nacionais ou de pós-soberania tem sido evidente dentro de um Estado da União Europeia.

Tal como o fracasso colonial nos dois estados ibéricos fez na sua época, a atual afirmação nacionalista espanhola é uma reação compensatória de profundo significado que afeta toda a Península. Neste sentido, a hermenêutica psicanalítica lança luz sobre todo este processo a partir de conceitos como reparação, ferida ou *negação* (Gabilondo, “The Iberian Disavowal of Imperialism and Globalization”) que estão a ganhar sentido e relevância para descrever não só alguns factos, a história factual, mas também para abordar o dissonante, o subterrâneo, o desconfortável na diversidade cultural peninsular e, claro, no contexto da globalização. Não poderá ser, como Georg Simmel argumentou em 1908, que dentro dos grupos, é o conflito o que, no final, tem a mais sólida função unificadora e identificadora?

Catalonia, Iberia and Europe encontra-se estruturado em três partes. A primeira, “Iberian Studies and Iberian identities”, é marcada pelo viés que os recentes estudos de identidade têm desenvolvido em torno da Península Ibérica. As contribuições feitas nesta parte refletem a mudança que a literatura comparada sofreu nas últimas décadas para a chamada crítica das identidades culturais, tanto no âmbito da Europa Ocidental como na reflexão sobre o contexto da globalização. A

análise cultural avançou para questões paraliterárias ou para o que poderíamos identificar como história intelectual ou cultural, e não como uma história literária propriamente dita. Se, por um lado, a literatura comparada mais tradicional foi configurada como, basicamente, o estudo das relações entre literaturas nacionais que excluía de facto outras realidades, no caso da Península Ibérica e das culturas ibéricas extrapeninsulares deveria considerar-se aquelas “outras” realidades que tiveram um peso estruturante.

A segunda parte do volume, “Iberianism: Past, Present and Future”, analisa a diversidade dos iberismos e, de uma forma relevante, faz história da história destes iberismos. Esta visão crítica detém-se em várias fases, entre as quais o *fin-de-siècle* marcado pela queda colonial e o período revolucionário português e a *transición* espanhola, em que a (re)situação (trans)continental levou ao reaparecimento do cenário ibérico. A contribuição de David Duarte (“A receção da crise catalã na imprensa escrita portuguesa”) merece um comentário à parte, e que certamente terá de ser desenvolvido num trabalho mais amplo no futuro. O papel assumido pela imprensa portuguesa na altura do *procés* e da pós-verdade, desenhou um panorama complexo em que se pode ver até que ponto os editores dos jornais portugueses eram sensíveis ao poder económico e político de Espanha, que apesar de costumarem

desconfiar, acabaram por obedecer. O *procés* foi uma pedra de toque que levantou antigos e persistentes debates em Portugal sobre o seu lugar não só na Península Ibérica, mas também sobre o seu papel como Estado e como nação na construção da Europa.

A última parte do volume, “Catalonia and Europe”, centra-se na dinâmica política entre a Catalunha, Espanha e Europa face à crise de Outubro de 2017. Há contribuições que detalham, de diferentes perspetivas, os acontecimentos ocorridos, confrontando os três espaços e salientando as dificuldades de incorporar e desenvolver a diferença ou a periferia em corpos de poder cada vez mais distantes dos territórios e dos cidadãos.

Finalmente, valeria a pena retomar algumas das considerações que Roberto Esposito concebeu da Europa como *unitas multiplex* e que são válidas para a nossa Península Ibérica. As obras recolhidas neste volume mostram uma ideia peninsular ibérica baseada na sua diferença, na sua relação dialógica inerente, e que qualquer tentativa de se ter uma própria e única identidade a coloca precisamente em perigo. É, talvez, por todas estas razões, como Esposito advertiu no caso da Europa, que devemos avançar de uma forma exemplar em direção ao que não o é atualmente. Este é um desafio que não nos pode deixar indiferentes.

Jordi Cerdà

<https://orcid.org/0000-0002-0451-0193>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_23